

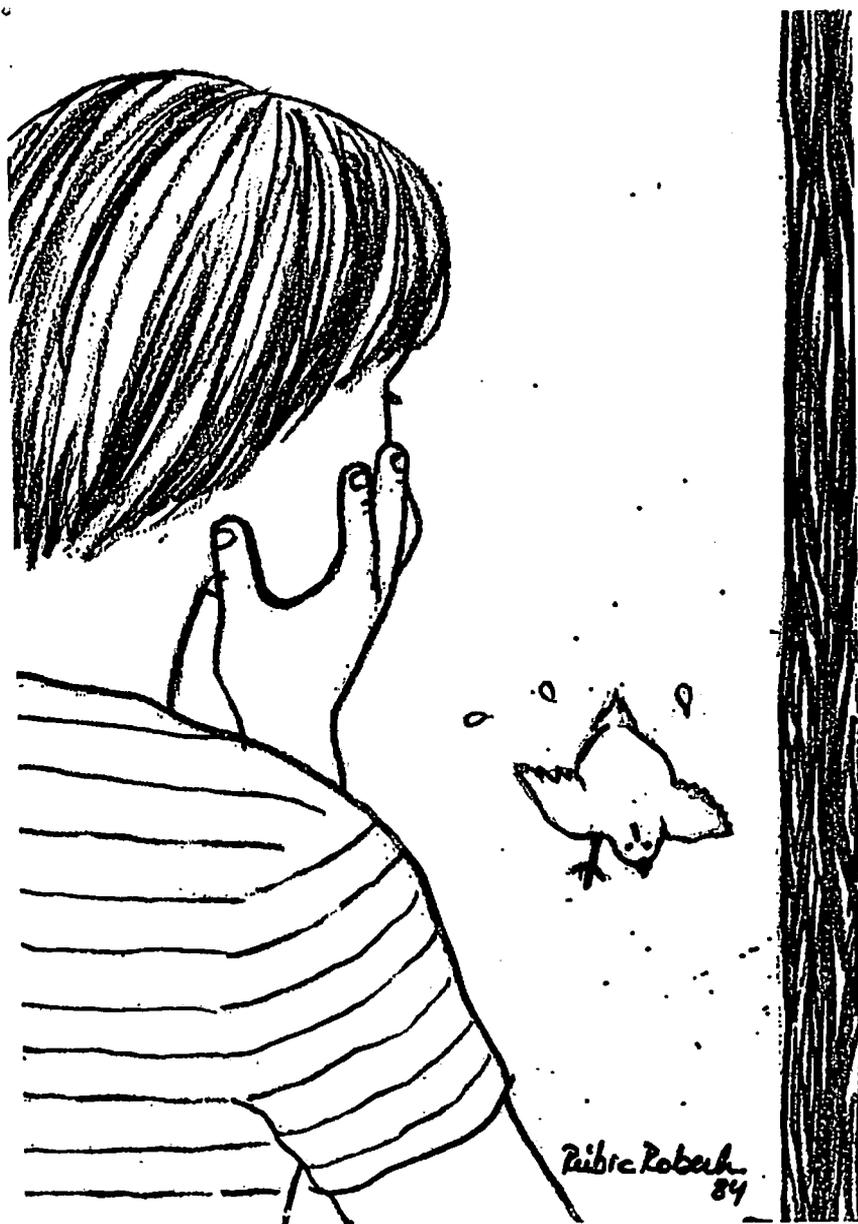
GALLINA

Dullio Gomes

Sua vida era ciscar insetos, num arrepio de penas que só as galinhas conseguem ter quando atravessam o quintal e a vida sem outra preocupação que a de se alimentar, defecar e manter uma temperatura entre quarenta e quarenta e dois graus centígrados.

Com o coração batendo e gritinhos histéricos, às vezes ela era levantada do solo pelo menino que, na falta de cachorro ou gato, levava-a para brincar em sua casa. Ele havia colocado um nome nela — Gallina. Idéia do pai, uma mistura de ruralista, bancário aposentado e latinista sem muita erudição. Viviam somente os dois ali — mais a galinha — desde que a mulher morrera.

Do seu quarto, no segundo andar da casa antiga e de madeira, o menino contemplava o mundo: as montanhas sem fim, o carro do pai estacionado na porta e a galinha num atropelo branco de penas correndo no quintal. Talvez ela corresse por solidão ou fastio. O pai prometera comprar um galo mas sempre se esquecia. O menino, no entanto, não se preocupava com isso porque sabia que, no fundo, ela era uma galinha que não precisava de galo, uma galinha independente e orgulhosa de sua condição de solteira — aquele bico de curvatura atrevida era uma prova disso. O que Gallina queria mesmo era viver, viver. Porque era bom ser galinha, com sua alma intuitiva, vagabunda e inocente aprisionada entre as costelas e o sulcado, inútil cerebelo.



Quando o pai saía de carro, o menino ficava órfão no mundo, com a sua galinha. Nesses momentos, bastava assoviar da janela que ela vinha, aos pulinhos ou em articulados vôos rasantes. Deitado em sua cama, o menino esperava, com os olhos cerrados e as mãos cruzadas na nuca, que ela subisse a escada. Aquele som já lhe era familiar — impulsos de penas e unhas saltando degraus, sacudindo a caixa torácica e o coração rumo à superfície encerada do segundo andar. Então o menino abria os olhos e ali, em seu peito, Gallina. Com sua servidão. Sua afeição de cachorro.

Um dia o pai percebeu que o menino crescia. Havia nele todos os sintomas — uns ares estabanados, um buço escurecendo sob o nariz, uma voz engrossando no meio da frase. O pai sorria àquelas revelações, ele próprio passara por elas. O menino esqueceu Gallina no quintal. Passava horas trancado no banheiro. Explodia em pequenas discussões com o pai e de repente descobriu a sua vocação — mecânico de automóveis. Sujo de óleo e graxa, enxotava Gallina com o pé, meio corpo mergulhado no capô do carro. De repente já não queria ser mecânico, mas astrônomo. E então acompanhava, à noite, a rotação de planetas e estrelas, o movimento de todo aquele caldo celeste, gás e poeira interestelares, chuva de raios cósmicos, ilhas do Universo, quasars e pulsars. Permanecia nesse estado contemplativo até que o pescoço lhe doesse em pontadas. Tinha, alternadamente, acessos de riso e choro. Deixou de ir às aulas, na cidade. Andava como um maluco, sem camisa, pelos campos. Seus olhos estavam vidrados de tédio e energia e ele não sabia o que fazer de sua vida que lhe fôra oferecida sem que ele solicitasse. Merda! gritava para as montanhas e o eco lhe respondia merda merda merda. O pai, deitado na rede da varanda, sorria com o cigarro pendurado nos lábios e Gallina ciscava o pó do dia.

Numa tarde de verão a chuva surpreendeu o menino em um de seus passeios alucinados. Quando chegou ao quintal da casa estava tão molhado e sujo de lama que preferiu não entrar. No banheirinho do quintal, despiu-se das roupas enxovalhadas

e ligou o chuveiro de água quente. Enquanto a chuva sacudia os vidros da janela, o seu corpo entrava em um relax morno de espuma e sabonete. Ficou longo tempo assim até que a chuva parou. Desligou o chuveiro e vestiu o roupão do pai. Quando abriu a porta do banheiro, respirou fundo o ar de terra lavada. Gallina bicava minhocas ali por perto, sob nuvens sujas. O menino sentia uma estranha eletricidade saltando pelo seu corpo, uma sensualidade até então não experimentada. Assoviou.

Com a porta do banheiro novamente trancada e livre do roupão, ele apertou Gallina no colo até senti-la flácida entre os seus dedos e ele próprio se sentir vazio e aviltado e infeliz.

Enterrou Gallina atrás do banheiro e correu para casa com as mãos enlameadas e uma mistura de remorso e febre.

A noite, delirava na cama.

Voltara a chover.

O pai agasalhou-o com três cobertores e entrou no carro para ir buscar um médico na cidade. Na pressa, deixou aberta a porta da cozinha.

Sozinho com o seu delírio, o menino ouvia a chuva e os relâmpagos. Ele era um corpo doente que ouvia. Tudo nele ouvia. A madeira da casa estalando em seus encaixes. O solene, escuro silêncio do quarto. O vento e a chuva com os seus relâmpagos. E, vindo da escada, uma ressonância de unhas, penas e cansaço escalando os degraus após ouvir o assovio do vento que, em noites de chuva, se confunde com o de um menino.